

NOAS LITERÁRIAS

v



Para admirar esta...

e outras obras.

Apreciação de leitura

Brasília, DF

—

agosto/2018

*Leio romances, porque por eles conheço
o mundo, o homem, as nações, os povos
e, ainda que ficção, alcanço o real.*

Leitor: Armindo Ferreira

Admirável Mundo Novo

Aldous Huxley

Obra enigmática! Por meio da ficção cria-se um “mundo novo” no qual se instala uma nova sociedade – “sociedade civilizada”, em oposição ao mundo velho e a uma sociedade que a civilização antiga deixou desequilibrada e doente.

No “mundo velho” havia um Deus; no “mundo novo” há um cérebro, **Ford**. Em nome deste os senhores **fordezas** administram esse mundo novo.

A obra, além de uma aguda crítica à civilização ocidental e às religiões na linha do cristianismo, estrutura-se contrapondo-se a esses valores tradicionalmente vividos e defendidos.

Mundo Novo! Uma nova utopia numa espécie de réplica a outras que já então se propunham, a de Hitler, de Mussolini, Stalin. Uma nova utopia, autoritária (como todas as utopias), a instalar-se no lugar de outra, a cristã, com a diferença de que a nova, é perfeita e imutável.

“O mundo agora é estável. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes, por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E, se por acaso alguma coisa andar mal, há o *soma* (p. 193)”.

Admirável Mundo Novo vai se construindo até chegar ao ápice de sua arquitetura, capítulos XVI e XVII, em que se tem a notável controvérsia, com argumentos e contra-argumentos, entre o Administrador Mundial Residente para a Europa Ocidental e John, o Senhor Selvagem, que, vindo de uma Reserva do Novo México, é um remanescente do antigo mundo, o mundo cristão.

Na discussão, o Senhor Fordeza, Mustapha Mond, leva a melhor:

“Mas Deus é a razão de ser de tudo o que é nobre, belo, heroico. Se tivesse um Deus... (John)

Meu jovem amigo, a civilização não tem nenhuma necessidade de nobreza ou de heroísmo. Essas coisas são sintomas de incapacidade política. Numa sociedade convenientemente organizada como a nossa, ninguém tem oportunidade para ser nobre ou heroico (p. 207).

Ao final da ficção, John, o Senhor Selvagem, suicida-se.

(HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Trad. de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro, Círculo do Livro, s/d).

Fim de Caso

Graham Greene

Obra cujo tema é o amor ou o desamor ou, ainda, amor e ódio. Três desdobramentos a estruturarem um personagem: Maurice Bendrix.

Bendrix é o amante de Sarah, e Sarah é a mulher de Henry, e os três gozam de boa convivência. Há ainda um *outro* que não se identifica, mas que Bendrix lhe dá existência e o toma como rival! – Seria Smythe, o das duas faces? Não, Smythe, não!

Descobre, por fim, que o intruso é Deus. Não acreditam nele, não lhe dão existência, mas Ele aí está e rouba-lhe Sarah.

É um drama intenso e chega à tragédia. Lembra Mimi de *La Bohème* de Puccini*. Mimi deixa Rodolfo, entrega-se a outro, pega tuberculose, tosse, tosse e morre. Sarah deixa Bendrix, apega-se a *outro*, tosse, tosse... e morre.

Fortunas diferentes: Mimi morre nos braços de seu amado Rodolfo; Sarah refugia-se em si mesma e morre nos braços da solidão.

Segundo William Faulkner, “é uma das mais genuínas e tocantes novelas contemporâneas, jamais escrita, no entender de qualquer um (orelha)”

* *La Bohème*, belíssima ópera italiana de Giacomo Puccini (1858 – 1924)

(GREENE, Graham. *Fim de Caso*. Trad.de Léa Viveiros de Castro, Rio de Janeiro, Record, s/d).

O Primeiro Círculo

Alexandre Soljenitzyne

Romance que trata das prisões de Stalin e Béria em que eram recolhidos intelectuais e cientistas sobre os quais surgissem suspeitas de que tramavam contra o regime.

“Cumprindo penas intermináveis, centenas de homens-fantasmas passam na *sharashka* seus últimos dias, como as almas dos sábios da antiguidade de Dante, ardendo em angústia, esperando não a liberdade, mas a remoção para outros lugares ainda mais cruéis: os campos da Sibéria...” (orelha)

A partir do capítulo 82, é retomada a história de Innokenty, personagem que aparece logo no começo da obra. Finalmente é preso e tem-se então o ponto alto do romance: o relato minucioso de como o prisioneiro, submetido a um processo de desgaste constante, cuidadosamente elaborado e executado, vai perdendo gradativamente a vontade de reagir e de se defender, entregando-se inteiramente ao nada da existência. Do homem, daquele ser humano vai ficando, momento a momento, apenas o invólucro, casca com perda completa de alma e espírito.

“Um ser humano (...) possui desde o berço a sua essência, o núcleo, por assim dizer, deste ser único, este *Eu*. E ainda não se sabe direito quem molda quem: se a vida molda o homem, ou se o homem, com o vigor de seu espírito, é quem molda a vida! (...) Porque o homem tem alguma coisa pela qual se medir. Porque ele tem em si mesmo uma imagem de perfeição, que em raros momentos, de repente, emerge ante os olhos de seu espírito”. (Kondrashv, pp. 209/10)

(SOLJENITZYNE, Alexandre. *O Primeiro Círculo*. Trad. do Curso de Língua e Literatura Inglesa da Faculdade de Letras (UFRJ), Rio de Janeiro, Bruguera, INL, 1972).

A Pedra da Lua

Wilkie Collins

A Pedra da Lua é uma obra curiosíssima que nos leva a uma leitura agradável. Remete-nos ao romance folhetinesco do século XIX. Oferece uma mistura de policial, mistério e suspense. “*A Pedra da Lua* nasceu como folhetim, publicado na revista de Charles Dickens *All Year Round* entre 4 de janeiro e 8 de agosto de 1868” (orelha).

Algumas características do romance folhetinesco se fazem presentes: o constante apelo à atenção participativa do leitor; a *deixa* no final de capítulo para despertar o interesse do leitor para o capítulo seguinte; a preocupação com o entendimento do leitor, daí minudências, repetições, chegando às vezes à prolixidade.

Aos personagens cabe a narração: sucedem-se Betteredge (mordomo), Srta. Clack (parenta), Mathew Bruff (advogado) e outros.

Os personagens são bem caracterizados e dentre eles destaca-se a Srta. Clack, tipo comum, frequente em qualquer meio, qualquer classe. Solteirona, convicta do que receita aos outros, indecisa no que receita a si própria. Puritana mal amada, fanatizada, honestamente falsa e hipócrita.

O enredo tem por motivo o desaparecimento de um diamante de grande valor, *a pedra da lua*, no dia de aniversário, 18 anos, de Rachel Verinder. O diamante era procedente da Índia e carregava uma maldição, porque fora apropriado de maneira indevida e criminosa por um tio,

John Hearncastle. Por desentendimento na família o diamante acabou sendo oferecido pelo tio à sobrinha, carregando a maldição, numa espécie de vingança.

(COLLINS, Wilkie. *A Pedra da Lua*. Trad. de F. Rangel, Rio de Janeiro, Record, 2001)

O Canto do Pássaro

Sebastian Faulks

Romance inglês, notável pela crueza com que narra a Primeira Grande Guerra, em trincheiras na França.

O melhor da obra está nas páginas em que se tem a narração direta da guerra (Parte dois, 135; Parte quatro, 313; Parte seis, 471). Há momentos em que se tem uma linguagem poética humanizada.

O personagem principal, Stephen Wraysford, vai sendo minado, no seu íntimo, pelo horror da carnificina, que vê sem sentido. A tragédia humana, por ele intensamente vivida, vai desfibrando-o no tempo em que nele cresce o apego ao sofrimento de seus infortunados companheiros. O ponto alto da narrativa está quando se sente responsável pelo companheiro Jack Firebrace, presos, os dois, numa mina subterrânea em que o melhor era a morte. De fato Jack morre, Stephen salva-se por ação do próprio inimigo.

“Solitário e taciturno, ao mesmo tempo carismático e enigmático, Stephen exerce durante toda a obra um grande fascínio sobre seus companheiros na claustrofobia fétida das trincheiras bem como sobre o leitor” (orelha)

(FAULKS, Sebastian. *O Canto do Pássaro*. Trad. de Ana Luiza Borges, Rio de Janeiro, Record, 1998).

Servidão Humana

W. Somerset Maugham

Leitura a um tempo instigante e desconcertante. É a história de Philip Carey, órfão, criado pelos tios Sra. e Sr. William Carey, vigário de Blackstable. O órfão tinha um pé defeituoso, fato que o infelicitava.

Desconcertante na obra é o relacionamento de Philip com Mildred, personagem este singularmente construído e marcante. Lembra Cathy do *A Leste do Edem*, de Steinbeck*. São personagens maus, cada qual a seu modo. Cathy é má de maneira consciente, Mildred parece não ter consciência de sua maldade. Cathy agia pela razão, Mildred, pelo instinto. O relacionamento de Philip com Mildred é marcado pela volubilidade entre o amor e o ódio.

A obra é significativa ainda por dois aspectos: a abordagem que faz da pintura, com discussão sobre pintores famosos e a ideia precisa que dá da miséria nas grandes cidades, no caso Londres, mostrando de forma aguda o problema da fome, especialmente o efeito desta sobre o indivíduo.

* John Steinbeck (1902 – 1968), autor norte-americano, prêmio Nobel, *Vinhas da Ira, Ratos e Homens*.

(MAUGHAM, W. Somerset. *Servidão Humana*. São Paulo, Abril Cultural, 1971)

Crime e Castigo

Dostoievski

Raskólnikov engendra o crime como se desenvolvesse uma teoria, e engendrar-lo era uma espécie de

jogo intelectual, sem que isso significasse executá-lo. Porém, uma vez arquitetado, suas etapas e minúcias se tornaram tão reais que sua execução fugiu da vontade, para ser executado como se fosse ele um autômato.

Vivia na miséria e preocupava-o a penúria da mãe e da irmã. Matar Aliona, velha usurária, e conseguir do roubo cerca de três mil rublos significava poder começar vida nova, terminar os estudos, fazer-se notável e poder praticar mil ações boas e assim compensar o crime. Ter que matar Lisavieta, que chegara inesperadamente, transtornou o plano.

Executado o crime, começou a expiação. Não conseguia manter o estado de espírito, passando a um comportamento aflitivo e suspeito, e ficou doente. Surpreendia-se por ter matado e ficava colérico por fraquejar perante o crime, torturava-se e condenava-se a si próprio.

Não havia provas, mas esconder o crime estava acima de suas forças psicológicas. Pela sua maneira estranha de conduzir-se, Porfírio Pietrovitch, juiz de instrução, chegou à conclusão de que o assassino era ele, ainda que um tal de Nikolai tivesse se apresentado, dizendo-se o autor.

O romance é de grande densidade psicológica, sendo notáveis as páginas que tratam do embate intelectual e psicológico entre Porfírio e Rodion.

Raskólnikov sofre pela miséria das pessoas e sofre intensamente a miséria da família de Marmieládov, um desgraçado bêbado que conhecera casual e recentemente.

Age para eximir-se do crime, mas o peso da culpa leva-o inexoravelmente a entregar-se.

É condenado a oito anos de degredo na Sibéria. A Sônia acompanha-o. Faltam sete anos e, ao aceitar o amor de Sônia, dá-se sua ressurreição. Tal como Jacó aceita cumprir os sete anos de trabalhos para merecer-lhe o amor.

Personagens citados:

Raskólnikov (Rodion Romanovitch), o criminoso; Aliona e Lisavieta, irmãs assassinadas; Porfíri Pietróvitch, juiz de instrução; Marmieládov (esposa tuberculosa e filhos pequenos); Sônia, filha do anterior, prostituiu-se para acudir à família; confidente de Rodion, acompanhou-o no degredo;

(DOSTOIEVSKI. *Crime e Castigo*. Trad. de Natália Nunes, São Paulo, Abril Cultural, 1979)

A Romana

Alberto Moravia

Obra extraordinária cuja leitura se faz na descoberta e reconstrução contínua dos personagens, humanamente tratados, ainda que fujam ao padrão social, aquele tido como normal e bom.

Adriana, Giacomo (Mino), Astarita, Sonsogno são maus, no entanto captam a simpatia do leitor, acentuadamente, os dois primeiros. São personagens escorregadios, misteriosos, enigmáticos.

Adriana, protagonista, faz-se prostituta, menos por decisão própria e mais por circunstâncias familiares e sociais. Livre-arbítrio e determinismo são, portanto, relativos.

“Havia entendido afinal que minha força não consistia em desejar ser aquilo que não era, mas em aceitar o que era” (Adriana, p. 219).

Destaque-se um belo texto a que se poderia dar o título, “O drama do existir na reflexão de uma prostituta”: “Naquelas horas... (até) ... nem que seja pelo simples fato de viverem” (p. 173 e s.)

(MORAVIA, Alberto. *A Romana*. Trad. de Marina Colasanti, São Paulo, Abril Cultural, 1982)

O Último Jurado

John Grisham

O romance oferece, não raro, apesar de ficção, o retrato social, político, religioso, de uma época e de uma comunidade, ampla ou restrita, tão ou mais fielmente do que um tratado sociológico, político e outros.

A presente obra, gênero policial, dá, de fato, o retrato de uma cidade pequena, interiorana, do Mississipe, com a abrangência de uma década (1970).

Um jovem, porque de família abastada, não teme consequências de seus atos, e faz-se lobo em rebanho de gente pacata. Não contava, porém, com um jornalista decidido, com jurados que dão peso ao ato de julgar, e com um advogado, que, por transtorno mental, se faz anjo vingador.

O CRIME. O jovem, afrontado pela recusa de suas investidas amorosas, invade, como ladrão vulgar, uma casa e, sob ameaça, estupra e mata a mulher, com a agravante da presença de duas crianças. Foge em alta velocidade e acidenta-se num barranco. A mulher, antes de morrer, revela a identidade do agressor.

O JULGAMENTO. Vai a tribunal e é julgado à prisão perpétua, porque os jurados, divergindo na medida condenatória, livram o réu da forca. O garotão, por se achar a salvo das leis e garantido pelo dinheiro que corrompe, ameaça de morte os jurados.

Com nove anos de prisão é solto com condicional (aquele viés! a justiça com a venda, mas só num olho!).

O assassinato dos jurados começa. O jovem volta ao tribunal, e, ali, também ele é morto.

O DESFECHO. O atirador a fazer justiça, era o advogado que participara do julgamento, do lado da promotoria. Esquizofrênico, matara jurados que se negaram à pena de morte e matou o bandido, cujo crime negou-lhe o projeto de uma vida em comum com a mulher.

Importante na obra: O problema racial, naquele tempo ainda muito forte naquela região, apesar dos esforços em favor da dessegregação; a corrupção social e política em que o dinheiro compra favores; a impunidade de pessoas, em especial brancas, com fortuna para se imporem.

“Uma decisão errada leva a consequências desastrosas”.

(GRISHAM, John. *O Último Jurado*. Trad. de A. B. Pinheiro de Lemos, Rio de Janeiro, Rocco, 2004).

